

A TRAJETÓRIA DO ASSÉDIO: ENTRE O ASSÉDIO MORAL E SEXUAL NA INSTITUIÇÃO CARCERÁRIA FEMININA DO PARANÁ-BR.

Talissa Emanuelle Nunes da Costa (G-UEM)
Aparecida do Rocio Freitas (UEM)
Augusto Cesare de Campos Soares (UEM)

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o Projeto de Iniciação Científica – PIC -, que visa detectar, descrever e analisar a trajetória da relação do assédio moral e do assédio sexual na instituição carcerária feminina do Paraná-Br. A sua abrangência é de 01/08/09 a 31/07/10. A pesquisa apresenta algumas questões para a reflexão e debate sobre o assédio moral e sexual no sistema carcerário feminino do Paraná. O trabalho busca abordar a violência psicológica na percepção das internas e dos agentes penitenciários em instituições carcerárias paranaenses. Apesar de assegurado pela Constituição Federal Brasileira, aos presos, o respeito à integridade física e moral, sabe-se que, conforme vários autores, o ambiente carcerário propicia o assédio moral e sexual. Nesse sentido, entender o significado do assédio para o universo carcerário feminino implica desvendar os mecanismos perversos que atentam contra a dignidade humana nas prisões. Desse modo, é uma pequena contribuição para auxiliar a Administração Pública na busca de amenizar ou resolver um problema antigo e preocupante que expõe essas mulheres às múltiplas violências que vão além da privação da liberdade. A falta de construção de cidadania dos presos deve-se, entre outros fatores, à falta de dados claros e estudos científicos. O conhecimento sobre problemas de saúde física e moral existente dentro do sistema carcerário objetiva fortalecer e ampliar o papel de reabilitação. A cooperação entre os órgãos de saúde pública e o sistema penitenciário torna-se primordial para produzir resultados eficientes.

Palavras-chave: Assédio moral. Assédio sexual. Sistema carcerário feminino.

1 INTRODUÇÃO

Este é um Projeto de Iniciação Científica – PIC -, cuja abrangência é de 01/08/09 a 31/07/10. A pesquisa apresenta algumas questões para a reflexão e debate sobre o assédio moral e sexual no sistema carcerário feminino do Paraná. O objetivo geral é detectar, descrever e analisar a trajetória da relação do assédio moral e do assédio sexual na instituição carcerária feminina do Paraná-Br.

As perversidades existentes nas instituições carcerárias do Brasil não estão longe do conhecimento da população. Nesse sistema, a violência assume várias configurações, atingindo direta ou indiretamente os indivíduos. No entanto, são poucas pesquisas realizadas no país sobre a perversidade do assédio moral nesses órgãos. A maioria dos trabalhos sobre o assédio nas prisões é realizada a partir do prisma do Direito, dos direitos humanos e da psicologia. As pesquisas, em geral, analisam o universo prisional masculino. Raras são aquelas que atentam para o mundo feminino. Assim, um olhar que enfoque a perspectiva da Administração Pública muito pode acrescentar aos profissionais que atuam nesta área e para que novos conhecimentos venham a se somar na busca de soluções para um problema antigo preocupante e quase sempre negligenciado.

O assédio, na visão de muitos estudiosos, compreende agressões, constrangimentos, humilhações em termos de comportamentos, ações, gestos e palavras. Além disso, pode assumir outras formas de violência como a física e a sexual. O seu objetivo é denegrir paulatinamente a imagem da vítima como profissional e pessoa, desestabilizando sua autoimagem e a percepção de si e, com isso, excluí-la e isolá-la do seu contexto social. Assim, qualquer um que reflita sobre a sua própria experiência cotidiana entenderá que, sob o pretexto da tolerância, acata situações de agressão que constituem verdadeiros assassinatos psíquicos. Não há razão para que no sistema prisional seja diferente.

Não é necessário ser um pesquisador qualificado para argumentar, pelo que nos oferece a mídia, que qualquer prisioneiro, como qualquer outro ser humano, experimentar um grande sentimento de injustiça quando se vê exposto a sofrimentos que a lei não ordenou nem mesmo previu. Nesse processo, não pensa mais em si como culpado. Se algum dia o admitiu, passará a acusar a própria Justiça. E, em decorrência disso, veja como algozes todos os agentes da autoridade. Nesse sentido, não é anormal que exprima cólera e revolta, sob a forma de violência, contra tudo e contra todos.

Na perspectiva dos agentes penitenciários, muitos autores os identificam como indivíduos que se sentem permanentemente ameaçados. Nas penitenciárias, os agentes carcerários reclamam do isolamento em que vivem e de sua falta de segurança. Há relatos de que profissionais da saúde nem mesmo informam a respeito dos tipos e graus de doenças dos internos, nem da sua maior ou menor periculosidade. Na sua relação com os prisioneiros vigora a desconfiança, os maus-tratos, as ações e as palavras vexatórias e até as práticas físicas de agressão. Não é raro, também, que estabeleçam alianças com alguns encarcerados para que possam realizar seu trabalho ou, até mesmo, sobreviver nesse ambiente inóspito e tenso.

Em um sistema carcerário, é, portanto, possível identificar quase todas as estruturas já observadas do assédio. Há o assédio descendente, caracterizado pelo perpetrado por alguém que detém maior poder, o superior, sobre um outro percebido como a ele inferior, o subordinado. Existe também o assédio ascendente, em que a situação anterior se inverte. Ocorre, ainda, o assédio misto, uma combinação dos dois tipos anteriores. Por fim, constata-se o assédio horizontal, engendrado por indivíduos de igual *status*. Em termos específicos do contexto prisional, essas tipologias se traduzem nas perversidades perpetradas pelos agentes contra os detentos, pelos prisioneiros contra os agentes, pelas coalizações pontuais que atendem interesses específicos de grupos de agentes e de encarcerados contra um ou mais detentos ou prisioneiros específicos e pelos próprios internos entre si.

Face o exposto, elaboram-se as seguintes questões de pesquisa: há distinção, especificidade e singularidades entre a experiência do assédio no universo carcerário masculino em relação ao feminino? Quais são elas? Como se manifestam no cárcere feminino? Como e por que ocorrem entre as mulheres? Em que situações ocorrem? Qual a percepção das internas e dos agentes penitenciários? Quais as sequelas, consequências e decorrências para o indivíduo e o grupo, isto é, para as prisioneiras e para os agentes como duas totalidades distintas e para a relação entre agentes e prisioneiras?



Figura1: Foto retirada do livro *Cela Forte Mulher*, 2003.

2 CONCEITOS DE ASSÉDIO MORAL E SEXUAL

Assédio Moral: O assédio moral é todo comportamento abusivo (gesto, palavra e atitude) que ameaça, por sua repetição, a integridade física ou psíquica de uma pessoa, degradando o ambiente de trabalho. São microagressões, pouco graves se tomadas isoladamente, mas que, por serem sistemáticas, tornam-se destrutivas (HIRIGOYEN, 1998).

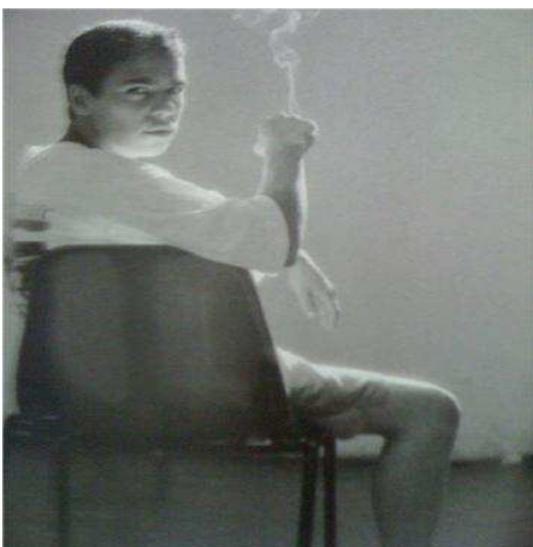


Figura2: Foto retirada do livro *Cela Forte Mulher*, 2003.

Assédio Sexual: A Lei nº. 10.224, de 15 de maio de 2001, introduziu no Código Penal Brasileiro o crime de assédio sexual no art. 216-A, com a seguinte redação:

‘Constranger alguém com o intuito de obter vantagens ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico, com promessa de tratamento diferenciado em caso de aceitação e/ou ameaças, ou atitudes concretas de represálias no caso de recusa, como a perda do emprego, ou de benefícios’ (LIPPMAN, 2001).

3 OBJETIVOS

3.1 OBEJETIVO GERAL

Detectar, descrever e analisar a trajetória da relação do assédio moral e do assédio sexual na instituição carcerária feminina do Paraná-Br.

3.2 OBEJETIVO ESPECÍFICOS

- Definir e descrever o assédio no contexto do sistema prisional e do universo feminino nele inserido;
- Identificar as configurações, as razões e as situações de ocorrência do assédio moral e sexual na instituição carcerária da mulher;
- Interpretar a percepção das internas e dos agentes penitenciários em relação ao assédio;
- Detectar, descrever e analisar as consequências do assédio no sistema carcerário.

4 METODOLOGIA

O processo da pesquisa será qualitativo e quantitativo obedecendo a uma diretriz já consagrada de pesquisas sobre o assédio. Para Rayner et al. (apud MACIEL; GONÇALVES, 2008), o assédio moral demanda uma pesquisa “multidimensional”, em que há necessidade de diferentes instrumentos. De acordo com Maciel e Gonçalves (2008), dada à complexidade do assédio moral, essa perspectiva “multidimensional” considera sua manifestação nos diferentes níveis, individual, interpessoal ou grupal, organizacional e socioeconômico. Assim, com a pesquisa qualitativa, buscar-se-á desvendar, descrever, interpretar e discutir o fenômeno “assédio” no âmbito da carceragem feminina. Por meio de pesquisas exploratórias, sejam qualitativas, sejam quantitativas, procurar-se-á obter novos discernimentos sobre o fenômeno assédio e a formulação de algumas hipóteses para investigações futuras. A pesquisa quantitativa será empregada na análise e explanação, cujo objetivo é entender os fenômenos. Portanto, proverá evidências empíricas do fenômeno assédio que contribuirão para o discernimento de suas várias configurações e de suas manifestações na carceragem feminina paranaense.

4.1 PLANO DE TRABALHO INDIVIDUAL:

1. Coleta de dados secundários: levantamento bibliográfico (livros, periódicos, dissertações e teses) e pesquisa documental.
2. Elaboração do referencial teórico: revisão de literatura sobre Administração Pública, instituições prisionais e características, variações, formas e significados do fenômeno assédio moral em suas várias configurações.

3. Elaboração da pesquisa: seleção e elaboração do instrumental e da abordagem de trabalho.
4. Coleta de dados primários: aplicação de questionários e entrevistas ou outras técnicas pertinentes à pesquisa.
5. Sistematização e tabulação dos dados: concatenar os dados colhidos por meio dos instrumentos metodológicos.
6. Interpretação dos dados: triangulação de dados, do investigador, metodológica e teórica.
7. Elaboração do Relatório Final: confecção do relatório de pesquisa.

5 JUSTIFICATIVAS

O sistema carcerário brasileiro, nas mais variadas comunicações, é retratado com um misto de cautela, repulsa, vergonha, repúdio, medo e indignação. Em geral, são vistos como verdadeiros antros de expropriação da dignidade humana. Esse cenário e os sentimentos que suscitam são bem retratados nas palavras de Martins (1997). A situação das prisões no país, como sabido, é caótica. Para referendar seu questionamento, a pesquisadora arrola, como exemplos, a superlotação carcerária, a realidade promíscua em que coabitam os internados, a ineficácia das metodologias pedagógicas nelas utilizadas, a baixa remuneração paga aos detentos pelos trabalhos prestados, quando existe trabalho, além dos mais variados tipos de delitos que são praticados, tais como agressões pessoais, furtos, roubos, mortes e atentados ao pudor, entre várias outras infrações.

Segundo Martins, a sociedade civil é conivente com essa situação do sistema prisional. De acordo com ela, sob a ótica da comunidade externa, a prisão é a paga pelos males socialmente causados. A autora aponta que essa perspectiva é reiterada e justificada por análises superficiais e até frívolas da problemática. Esse entendimento parece encontrar respaldo e explicação nas palavras de Foucault (2000). O filósofo enfatiza que todos os inconvenientes da prisão são bem conhecidos, como é também sabido que ela é perigosa quando inútil. Todavia, argumenta ele, ainda se desconhecem os meios e os modos de substituí-la. Com isso, conclui, a prisão é a solução detestável da qual não se pode abrir mão.

Para demonstrar a irrealidade e a leviandade com que a questão é entendida pela comunidade externa, Martins (1997) propõe sua verificação pela ótica dos condenados. Assim, depoimentos dos internados tornam-se reveladores do quanto se sentem mais castigados do que castigaram. Essas histórias permitem-na concluir que existe uma inversão da situação. Ela explica que, se antes da detenção, os prisioneiros contavam com um débito junto à sociedade, após a sua ocorrência a sociedade é que passa a ser devedora.

Em termo de assédio, o trabalho de Martins é revelador. As prisões são um ambiente estruturado em torno do autoritarismo, da submissão, do abuso de poder e da violência. Nesse sentido, a penitenciária desempenha como qualquer outra organização um aspecto central para a ocorrência do assédio. É que, ela própria, é conivente, permissiva e fomentadora desse tipo de comportamento como meio e recurso para disciplinar, doutrinar, modular e regular o comportamento humano. O assédio é um processo prolongado e necessita de um meio adequado para se desenvolver, em que as hostilidades possam se prolongar por semanas, meses e até anos. O sistema carcerário, como um órgão da Administração Pública, está voltado para o bem público, dentro de um esquema social e, portanto, os abusos chamam mais a atenção. Nesse âmbito, segundo Hirigoyen (2006), está o fato de que o assédio não está relacionado com a produtividade e ao lucro, mas a disputas de poder. Para a pesquisadora, assim, degeneram em assédio situações facilmente contornáveis, caso resolvidas entre os atores. Em seu lugar, há o “algo” que “está dando problema”. De modo mais abrangente, isso corresponde a que qualquer que seja o motivo para o assédio na carceragem, sem ação interventora, o processo se acumula por si mesmo. Nesse sentido, entender o significado do

assédio para universo carcerário feminino implica desvendar os mecanismos perversos que atentam contra a dignidade humana nas prisões. Desse modo, é uma pequena contribuição para auxiliar a Administração Pública na busca de soluções para um problema antigo e preocupante.



Figura 3: Foto retirada do livro *Cela Forte Mulher*, 2003.

O abuso de poder e autoritarismo são as regras de comportamentos de muitos dos agentes e chefias que controlam o Sistema carcerário internamente, quanto mais humanizado for o comportamento do servidor ou servidora, mais difícil será encontrá-lo (a) em posição de mando (SOARES, B. M.; ILGENFRITZ, 2002, p.16).



Figura 4: Foto retirada do livro *Cela Forte Mulher*, 2003.

Ninguém fica à-vontade na prisão para falar de sua sexualidade. Poucas mulheres entrevistadas tocaram no assunto, mas quase todas denunciaram abusos sexuais. Verificou-se, inclusive, que o sexo converte-se muitas vezes em moeda de troca, sendo nessas ocasiões, praticado antes por necessidade que por prazer (SOARES, B. M.; ILGENFRITZ, 2002, p.43).

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** - História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HIRIGOYEN, Marie-France. **Mal-estar no trabalho**: redefinindo o assédio moral. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LIPPMANN, Ernesto. **Assédio sexual no trabalho**: danos morais e materiais nos tribunais após a Lei 10.224. São Paulo: LTr, 2001.
- MACIEL, Regina H.; GONÇALVES, Rosemary C. Pesquisando o assédio moral: a questão do método e a validação do Negative Acts Questionary (NAQ) para o Brasil. In SOBOLL, Lis Andréa Pereira (org). **Violência psicológica e assédio moral no trabalho**: Pesquisas brasileiras. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- MARTINS, Lígia Márcia. **Psicologia em estabelecimentos penais**. São Paulo: Loyola, 1997.
- PRADO, Antonio Carlos, **Cela forte mulher**. São Paulo: Labortexto, 2003.
- SOARES, B. M.; ILGENFRITZ, I. **Prisioneiras**: Vida e violência atrás das Grades. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.